



SEÇÃO: ARTIGO

Subalternidade racial em *Torto arado*: do silêncio à resistência¹

*Race subalternity in *Torto arado*: from silence to resistance*

Ana Emília de Lima

Ferreira²

orcid.org/0000-0003-2786-6720

ana.emilia14@gmail.com

Thallys Eduardo Nunes

de Araújo Oliveira²

orcid.org/0000-0001-5641-0058

thallysnunes@gmail.com

Recebido em: 4 set. 2020.

Aprovado em: 12 maio 2021.

Publicado em: 9 nov. 2021.

Resumo: Neste trabalho, analisamos o modo como acontece, na obra *Torto arado* (2019), de Itamar Vieira Junior, o processo de tomada de consciência relacionada à condição de subalternidade a nível racial. Tal processo pode ser apreendido a partir das ações das personagens, que passam a assumir uma postura ativa frente à tradicional estrutura de exploração a que estão submetidas. A partir dos episódios apresentados pelas narradoras do romance, três mulheres negras que contam a própria história e a do grupo que integram, identificamos, descrevemos e interpretamos eventos que, em um primeiro momento, sinalizam um estágio de submissão das personagens, e que, em um segundo momento, sugerem um alcance de consciência a respeito de sua condição subalterna. A fim de embasar nossas proposições analíticas, apoiamos-nos nas considerações de Gayatri Spivak (2010), sobre o conceito de subalternidade; de Proença Filho (2004), a respeito da trajetória do negro na literatura brasileira; de Dalcastagnè (2008), acerca das relações raciais na literatura brasileira contemporânea; e de Albuquerque e Fraga Filho (2006), como referencial historiográfico.

Palavras-chave: Subalternidade. Relações raciais. Literatura brasileira contemporânea. *Torto arado*.

Abstract: In this paper we analyze how the process of awareness increasing related to the condition of subalternity at the racial level happens in *Torto arado* (2019), by Itamar Vieira Junior. This process can be apprehended from the actions of the characters, who start to assume an active posture in the face of the traditional exploitation structure to which they are subjected. From the episodes presented by the narrators of the novel, three black women who tell their own story and that of the group they integrate, we identify, describe and interpret events that, at first, signal a stage of submission of the characters, and that, in a second moment, suggest a range of awareness regarding their subordinate condition. Our analytical propositions are based on Gayatri Spivak's (2010) considerations on the concept of subalternity; Proença Filho (2004), about the trajectory of blacks in Brazilian literature; Dalcastagnè (2008), about race relations in contemporary Brazilian literature; and Albuquerque and Fraga Filho (2006), as a historiographical reference.

Keywords: Subalternity. Race relations. Contemporary Brazilian literature. *Torto arado*.

Introdução

*"Se os frutos produzidos pela terra
Ainda não são
Tão doces e polpudos quanto as peras
Da tua ilusão
Amarra o teu arado a uma estrela
E os tempos darão
Safras e safras de sonhos
Quilos e quilos de amor
Noutros planetas risonhos
Outras espécies de dor."
(Gilberto Gil)*



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ O presente artigo foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

² Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, RN, Brasil.

A questão racial tem sido uma pauta cada vez mais constante nos discursos que cercam nossa vida cotidiana, sendo evidenciada, muitas vezes, por acontecimentos reveladores da discriminação e da violência contra grupos historicamente explorados e ainda vítimas do preconceito que resistiu ao tempo e contradiz a pretensa civilidade do ser que se adjectiva humano. Casos como o de George Floyd, afro-americano assassinado por um policial branco nos Estados Unidos, e, aqui no Brasil, de Marielle Franco, vereadora negra exterminada no Rio de Janeiro, em virtude da comoção que despertam, descortinam a dura realidade, comumente invisibilizada, vivida por grupos em condição de subalternidade.

Muito se tem feito, atualmente, para reparar, tanto quanto possível, o prejuízo, sobretudo de ordem social, imposto a esses grupos ao longo dos anos. Nesse sentido, a implementação, em escala global, de políticas públicas que visam à erradicação da pobreza e a criação de leis que resguardam os direitos e a segurança das mulheres representam um avanço significativo. No que se refere mais diretamente à causa do negro, além da política de cotas, instituída pela Lei n.º 12.711/2012, outra conquista relevante diz respeito à inclusão, no currículo escolar da educação básica, de conteúdos voltados à valorização da história e da cultura negras, conforme assegurado pela Lei n.º 10.639/2003, o que implica na discussão de temas como racismo, além dos desdobramentos de sua ocorrência e de seu mascaramento, nos espaços de construção do saber e, conseqüentemente, do poder.

É preciso garantir, todavia, que a abordagem de conteúdos voltados à experiência histórica e cultural do negro não reproduza uma visão descaracterizada das crenças, valores e vivências desse grupo, de modo a perpetuar estereótipos e preconceitos, o que pode acontecer se o lugar do discurso comunicante dessas experiências e saberes permanecer inalterado, ou, em outras palavras, se, em vez de dar voz ao negro para que ele fale, de seu lugar, a respeito de si mesmo, o

conhecimento acerca da história e dos costumes desse povo continuar sendo produzido por grupos que, historicamente, falaram por ele.

Trazendo essa discussão para o campo literário, mais estritamente para o da literatura nacional, facilmente se verifica que, ao longo de praticamente cinco séculos, a representação ficcional do negro, em termos sociais, culturais e humanos, foi feita por escritores em sua maioria brancos, que normalmente ocupam espaços de poder diferentes daqueles dos sujeitos cuja vivência se quer representar. Essa perspectiva distanciada a que o negro é submetido no fazer ficcional contribuiu para a perpetuação de uma visão estereotipada de seu lugar social, dado que, na grande maioria das obras literárias nacionais, ele aparece como personagem pobre, afeito a práticas delinquentes e hipersexualizado, por exemplo.

Em oposição a essa tendência, tem-se buscado, na literatura que ora se produz, dar destaque ao lugar social do negro, tanto de autores quanto de personagens, conferindo-lhes voz e protagonismo. No que se refere a esses últimos, a principal mudança consiste na negação de sua objetificação e na afirmação de seu posicionamento como sujeito,³ por meio de um discurso engajado, que valorize as experiências sócio-históricas e culturais desse povo.

É nessa nova leva literária que se situa *Torto arado* (2019), primeiro romance do escritor baiano Itamar Vieira Junior (1979). A narrativa, que chama a atenção pelo uso da ambigüidade como um de seus principais recursos estéticos e pelo profundo lirismo que marca sua linguagem, tem como protagonistas duas mulheres negras, descendentes de escravizados, as quais, inconformadas com a condição social de miséria legada aos negros libertos e com o sistema explorador de trabalho, que elas descobrem injusto, levantam suas vozes e, contrariando uma tradição de gratidão característica da relação entre o dono da terra e o trabalhador que, dele, "recebe morada", vão em busca do reconhecimento de seus direitos.

Nesse sentido, fica evidente o esforço do au-

³ A representação ficcional do negro como objeto e como sujeito é apresentada por Domicio Proença Filho (2004) no ensaio "A trajetória do negro na literatura brasileira" e será retomada e melhor desenvolvida mais adiante neste estudo.

tor – que, mesmo ocupando um nível de subalternidade diferente do das protagonistas por ele criadas, sobretudo no aspecto do gênero, fala de um lugar legitimado por sua raça – em deslocar o lugar de onde tradicionalmente se contou a história do negro na literatura. Cientes disso, dedicamo-nos, neste artigo, a descrever e interpretar a maneira como ocorre, na narrativa, um processo de tomada de consciência acerca da condição de subalternidade racial, materializado no romance a partir das ações das personagens.

Fundamentam nossa discussão as considerações de Gayatri Spivak (2010) acerca do conceito de subalternidade e da possibilidade/necessidade de o sujeito subalterno falar e ser ouvido, as de Domicio Proença Filho (2004) sobre a trajetória do negro na literatura brasileira, as de Regina Dalcastagnè (2008) a respeito das relações raciais na ficção brasileira contemporânea e as de Albuquerque e Fraga Filho (2006), como referencial historiográfico.

1 O negro na literatura brasileira

Ao longo da história da literatura brasileira, o negro foi secundarizado tanto em relação à assunção da autoria, quanto na forma como foi ficcionalizado. As condições para que escrevesse sobre suas próprias experiências foram inviabilizadas, o que deu a outros a permissão de falar por ele. Isso resultou em uma abordagem que muitas vezes era possível em virtude da sensibilidade dos escritores às questões raciais, mas, por outro lado, se mostrou insuficiente ou incompleta, haja vista que o olhar sensível não alcança vieses mais profundos que só a vivência propicia. Muitas vezes, a tentativa de ficcionalizar se dava de maneira distorcida, em que a estereotipação do negro parecia ser tomada como recurso estilístico.

Em "A trajetória do negro na literatura brasileira", Domicio Proença Filho (2004) sistematiza essa reflexão a partir de duas perspectivas, em que ora o negro aparece na literatura como objeto, sendo retratado de um ponto de vista distanciado, ora aparece como sujeito, com uma atitude compromissada. Tem-se, assim, o que ele distingue como "literatura sobre o negro", no primeiro caso,

e "literatura do negro", no segundo. Vale salientar que a separação em duas categorias é apenas um recurso didático de sistematização, pois embora se perceba uma mudança gradual de atitude da primeira para a segunda tendência com o decorrer do tempo, a segunda não substitui a primeira e ambas ainda coexistem, em diferentes proporções e em novas roupagens.

Na primeira tendência, caracterizada pela aparição do negro como personagem ou pela abordagem temática de algum aspecto relativo à questão racial no Brasil, predomina uma visão estereotipada. Proença Filho (2004) lista e exemplifica alguns dos mais comuns estereótipos encontrados a partir do século XIX, dentre os quais estão o do escravo nobre, que ascende por meio do branqueamento (*A Escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães); o do negro vítima, característica amplificada quando este aparece como escravo (a exemplo, o viés idealizador e romântico da figura do escravo na poesia de Castro Alves); o do negro infantilizado, serviçal e subalterno (*O demônio familiar*, de José de Alencar); o do escravo demônio, que parece se tornar fera para, assim, externar sua revolta (*As vítimas algozes*, Joaquim Manuel de Macedo); e do negro pervertido, associado à hipersexualização de seu corpo, tão presente até os dias de hoje (*O bom crioulo*, de Adolfo Caminha).

O autor discorre que uma presença mais efetiva relacionada à segunda tendência — em que os negros aparecem não mais como objeto do discurso de outrem, mas como autores — começou a ocorrer a partir dos anos 1930, perpassando outras décadas e vindo a ser mais incisiva a partir da década de 1980, conforme o breve mapeamento do século XX apresentado no seguinte excerto:

O posicionamento engajado só começa a corporificar-se efetivamente a partir de vozes precursoras, nos anos de 1930 e 1940, ganha força a partir dos anos de 1960 e presença destacada através de grupos de escritores assumidos ostensivamente como negros ou descendentes de negros, nos anos de 1970 e no curso da década de 1980, preocupados com marcar, em suas obras, a afirmação cultural da condição negra na realidade brasileira. As vozes continuam nos anos de 1990 e na atualidade, embora com menor presença na repercussão pública (PROENÇA FILHO, 2004, p. 176).

O estudioso pontua que, nas décadas finais do século XX, os produtores e a produção passaram a ser mais fortemente influenciados por discussões e movimentos que visam à legitimação e à integração do negro, optando, dessa forma, por soluções literárias que se esquivassem de visões distorcidas e trouxessem à tona outras questões. É nessa esteira que surgem nomes como os de Solano Trindade (1908-1973), na poesia; Carolina Maria de Jesus (1914-1977), na prosa; e Abdias Nascimento (1914-2011), no teatro.

Proença Filho (2004) afirma, ainda, que tais escritores recebiam menor repercussão pública nos anos 1990 e no começo dos anos 2000, o que acreditamos se estender até os dias de hoje, não só em relação à problemática da autoria, mas à própria presença do negro na tessitura do texto ficcional, no qual ele aparece de forma bastante estereotipada, geralmente associado a aspectos como pobreza, violência e sexualidade. Para Dalcastagnè (2008), que procurou mapear as relações raciais na literatura contemporânea em obras nacionais publicadas de 1990 a 2004, há predominância de personagens brancas, e as negras, quando existem, ocupam em maioria posições secundárias ou de pouco prestígio social.

Em termos de escolhas a serem feitas pelos escritores diante do tema e da aparente dificuldade que parece existir em abordá-lo com a inventividade que a escrita literária requer, a autora aponta três posições que podem ser ocupadas, três escolhas que podem ser eleitas, por esse agente:

Ao manusear as representações sociais, o autor pode, de forma esquemática: (a) incorporar essas representações, reproduzindo-as de maneira acrítica; (b) descrevê-las, com o intuito de evidenciar seu caráter social, ou seja, de construção; (c) colocar essas representações em choque diante de nossos olhos, exigindo o nosso posicionamento (DALCASTAGNÈ, 2008, p. 106).

A partir do momento em que o escritor opta por uma abordagem acrítica, ele corre o risco de estar atuando em um ciclo de perpetuação de preconceitos. Ao se utilizar de um termo pejorativo, considerado cômico, como recurso literário, na intenção de que seu público se identifique e se

reconheça em sua obra, ele valida um preconceito que pertence a si e ao outro, extrapolando os limites do texto. Seu leitor, em movimento análogo, sente que seu preconceito, embora não reconhecido por ele como tal, foi validado pelo texto literário.

Por outro lado, uma abordagem crítica – que não se exima, por esse motivo, da responsabilidade de uma escrita criativa e da atenção ao critério estético – é capaz de fazer da literatura um veículo de desarticulação do histórico silenciamento pelo qual vêm passando os grupos subalternos. Nesse sentido, o vínculo do leitor com as personagens e com a trama pode ser alcançado pela adoção de estratégias que contemplem elementos mais gerais, como o apelo romântico ou a criação de mistérios a serem desvendados ao longo da leitura.

A literatura, por ser um espaço de criação artística reconhecido e valorizado socialmente, é uma importante ferramenta na manutenção das estruturas de poder ou na desconstrução delas. Desse modo, a forma como as relações raciais são abordadas no texto ficcional acaba por amenizar ou fortalecer ainda mais o silêncio a que são submetidos os negros, mantidos historicamente em posição de subalternidade.

Spivak (2010), em *Pode o subalterno falar?*, associa o termo "subalterno" às camadas mais baixas da sociedade, das quais são retiradas as possibilidades de inclusão na lógica do mercado e na representação política, e de ocupação de um lugar no estrato social dominante. O sujeito subalterno, por não fazer parte de uma estrutura de poder, acaba situado em um lugar de subordinação em relação aos que compõem a corrente hegemônica, não exercendo o direito à voz. A autora ressalta, a partir disso, a importância de dar voz a esse sujeito e as possíveis consequências decorrentes do relato de sua experiência pelo ponto de vista de um outro, autorizado a falar por ele, dentre as quais está a anulação daquele que é transformado em objeto pela soberania do discurso dominante.

Na literatura contemporânea, a obra *Torto arado* (2019), objeto de análise deste estudo, apresenta-se como uma solução exitosa no que

tange às problemáticas aqui discutidas, especialmente por apresentar a história de personagens subalternas que são protagonistas e responsáveis por narrar sua própria trama.

2 A subalternidade de raça em *Torto arado*

O romance, cuja trama se desenvolve ao longo do século XX, traz a história de uma família de descendentes de escravizados que habita Água Negra, uma fazenda situada nos arredores da Chapada Diamantina, na Bahia. Conhecida pela exploração do diamante, a região também tem o trabalho na lavoura como uma de suas atividades econômicas, e é a partir dos conflitos relacionados à terra que o leitor é apresentado a situações de exploração e submissão, mas também de insurgência desse núcleo familiar que é, na verdade, a parte de um todo historicamente silenciado.

O enredo é apresentado pelo ponto de vista de três figuras negras, femininas e fortes. As duas primeiras partes do livro ("Fio de Corte" e "Torto arado") são narradas, respectivamente, pelas irmãs Bibiana e Belonisia, enquanto a terceira ("Rio de Sangue") fica a cargo de Santa Rita Pescadeira, entidade fantástica que assume a voz narrativa.

Bibiana e Belonisia são as filhas mais velhas de Zeca Chapéu Grande, importante líder religioso do jarê⁴ e trabalhador respeitado por todos na fazenda, e de Salustiana Nicolau, mãe de pegação das crianças lá nascidas. Primogênita da família, Bibiana se apaixona por seu primo Severo e, a partir desse acontecimento, amplia seu olhar para além das cercas de Água Negra. Junto com ele, ela sonha sair da propriedade e estudar, se tornar professora, a fim de, em um momento posterior, voltar à sua casa e proporcionar melhores condições de vida para seus familiares. É na adolescência que eles começam a perceber a si mesmos e aos seus como seres explorados. Com isso, mudam-se para a cidade, envolvem-se em atividades sindicais e de militância e, na volta para a fazenda, mobilizam trabalhadores pelo reconhecimento de seus direitos e pelo

cumprimento destes. É a partir do olhar dessa mulher que são narrados os momentos relativos às fases da infância e da adolescência das irmãs.

Belonisia, ao contrário da irmã, não tem pretensão de seguir na educação formal, pois não se identifica com ela. Sua relação com a lavoura está para além do aspecto laboral, haja vista que é a partir da sua ligação com a terra que ela compreende o mundo e explica-o para si mesma. Apenas um ano mais nova que Bibiana, ela tem sua vida marcada desde a infância por um acidente: com a faca da avó paterna, Donana, objeto que investigava às escondidas com a irmã mais velha, Belonisia acaba por decepar a própria língua e perde a capacidade de falar. Se por um lado, a protagonista materializa o silenciamento de forma concreta, por outro, encontra novas formas de se impor e de expressar sua revolta diante da condição de explorada. É pelo ponto de vista dessa mulher mutilada, mas reconhecida pelas outras personagens como valente e corajosa, que conhecemos os acontecimentos referentes à juventude e parte da vida adulta das protagonistas.

Santa Rita Pescadeira, assumindo a função de narradora na terceira parte, aparece como uma voz ancestral. Ela é um espírito, uma "encantada", que fazia da centenária Miúda o seu "cavalo" nas cerimônias de jarê. Assim como viu no passado, ela continua, no presente, a ver de perto as injustiças cometidas contra os negros e seus descendentes, dentre elas o assassinato de Severo em retaliação à mobilização dos trabalhadores e à luta pelo direito à terra lideradas por ele. É a partir dessa voz, que testemunhou a crueldade e o sofrimento daqueles que outrora eram escravizados nas minas ou nas lavouras de cana, que é recontada a história do povo negro – dessa vez não pela voz de um senhor – e que conhecemos o desfecho da narrativa.

De imediato, essas escolhas autorais contrariam a tendência comum e majoritária de abordagem das relações raciais na literatura brasileira, incluindo a contemporânea, uma vez

⁴ O jarê é uma religião de matriz africana típica da região da Chapada Diamantina. É marcada por forte sincretismo religioso com influências de outras religiões, como o catolicismo e a umbanda. Suas origens remontam ao século XIX, tendo sido muito cultuada pelos que trabalhavam nas minas de diamante. Disponível em: <http://jare.redelivre.org.br/o-que-e-jare>. Acesso em: 21 ago. 2020.

que, de acordo com Dalcastagnè (2008, p. 92), os negros "são 7,9% das personagens, mas apenas 5,8% dos protagonistas e 2,7% dos narradores". Acrescentando o critério de gênero, a autora indica ainda em sua pesquisa "a ampla predominância de homens brancos nas posições de protagonista ou de narrador, enquanto as mulheres negras mal aparecem" (DALCASTAGNÈ, 2008, p. 92). Tais dados dialogam com Spivak (2010, p. 85) quando a autora aponta que "a questão da mulher parece ser a mais problemática nesse contexto. Evidentemente, se você é pobre, negra e mulher, está envolvida de três maneiras". O silenciamento da mulher negra na sociedade acaba internalizado pela obra literária. Em *Torto arado*, ele é subvertido.⁵

É a partir das três vozes narrativas do romance que são apresentadas ações que permitem identificar uma evolução relativa à consciência da subalternidade⁶: em um primeiro momento, as personagens aparecem em uma atmosfera de submissão, reveladora de uma percepção intuitiva e pouco articulada sobre o contexto de exploração em que estão inseridas; em um segundo momento, as ações das personagens sinalizam um processo de transformação indicativo de um alcance de consciência, evidenciada no embate entre as gerações e no contraste entre tradição e renovação.

2.1 Silêncio e submissão

Embora presentes ao longo de toda a narrativa, as ações que evidenciam o comportamento submisso de algumas personagens de *Torto arado* podem ser encontradas predominantemente em sua primeira parte. É pelo ponto de vista da primogênita que são apresentadas as circunstâncias de submissão e exploração em que se encontravam seu pai e os demais empregados da fazenda.

Em virtude da abundância hídrica, Água Negra desponta no romance como uma promessa à vida, tornando-se, por isso, o destino de muitos

trabalhadores, descendentes de escravizados, que decidem abandonar a violenta cultura de exploração do diamante, ou as condições menos favoráveis em outras lavouras. Chegados à fazenda, eles recebem permissão para ocupar um pedaço de terra – onde podem realizar o cultivo para usufruto próprio, desde que os serviços prestados ao dono sejam prioridade – e para construir casa de barro, de modo que sua permanência ali seja tão transitória quanto a estrutura da moradia. Como pagamento pelo uso da terra, devem ainda ceder parte de sua produção pessoal para o proprietário, além de poderem abrigar familiares, desde que venham também a trabalhar para o dono do lugar. Tudo se dá a partir de um contrato informal, que, embora frágil, deixa claras tanto a impossibilidade de o recém-chegado possuir qualquer direito legal sobre aquele terreno, quanto as suas obrigações para com quem detém o poder sobre ele. Esse sistema de exploração da força de trabalho configura uma relação assimétrica de poder entre os que ordenam e os que obedecem.

Dentre esses trabalhadores, encontra-se Zeca Chapéu Grande, um dos primeiros a migrar para a região. Chegou ainda jovem, vindo da Fazenda Caxangá, de onde partiu, deixando mãe e irmãos, na esperança de encontrar melhores condições de vida. Lá constituiu família e exerceu forte papel de liderança, em virtude de sua autoridade no culto do jarê e de sua atuação exemplar nos serviços da fazenda. Nas palavras de Bibiana, Zeca era

respeitado pelos vizinhos e filhos de santo, por seus patrões e senhores, e por Sutério, o gerente. Era o trabalhador citado como exemplo para os demais, nunca se queixava, independente da demanda que lhe chegava. Por mais difícil que fosse, arregimentava os vizinhos e trabalhava para entregar o que lhe foi encomendado com o esmero que lhe era creditado. [...] Era o trabalhador da mais alta estima da família Peixoto. A ele recorriam para trazer novos trabalhadores para Água Negra, porque confiavam na sua responsabilidade

⁵ Ainda que nosso trabalho tenha como foco a subalternidade a nível racial, as considerações de Spivak (2010) acerca do gênero nos interessam, nesse ponto, por auxiliarem no entendimento de que a história é contada, em *Torto arado*, justamente por sujeitos duplamente obliterados.

⁶ Entendemos por consciência da subalternidade o alcance do conhecimento, pelo sujeito, sobre a própria história e sobre como ela é influenciada pelas relações assimétricas de poder, estando ele inserido em uma estrutura de exploração. Esse estágio de consciência fundamentada, articulada, se sobressai a uma percepção intuitiva e revoltosa da realidade, infrutífera do ponto de vista da execução de ações transformadoras.

com a fazenda. Confiavam na sua capacidade de persuadir e de reconciliar os que viviam em conflito, por cerca ou por animal solto que acabava em suas roças provocando prejuízo (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 53-54).

Há que se observar que a distinção recebida por Zeca Chapéu Grande, considerado exemplar pela família Peixoto, proprietária da fazenda, estava ligada diretamente à aceitação das condições impostas e ao cumprimento das ordens tais quais lhe eram passadas, sem questionamentos ou queixas. Era ele o modelo a ser seguido, de modo a não ocasionar perturbações na ordem estabelecida na fazenda. Ainda que aparentemente não percebesse, Zeca, que "não era apenas um compadre. Era pai espiritual de toda a gente de Água Negra" (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 40), desempenhava um forte papel político nas relações dentro da fazenda. Sua atuação como conciliador, visando a mitigar possíveis conflitos, acabava por desestimular possíveis reivindicações motivadas pelo sentimento de revolta que ora despertava nos empregados. O respeito que lhe tinham os colegas de trabalho, por sua seriedade e sua autoridade no culto do jarê, findava servindo aos interesses dos patrões.

A configuração de exploração a que estão submetidas as personagens – as quais, na prática, se encontravam ainda como cativas, apesar de não estarem mais sob tutela oficial de um senhor – encontra respaldo na história do Brasil. Ela teve origem com os deslocamentos surgidos, sobretudo, no cenário pós-abolição, não se restringindo ao intervalo imediatamente posterior à promulgação da Lei Áurea, mas, sim, se estendendo pelos séculos posteriores até o presente. Tendo em vista que o Estado não proporcionou aos ex-escravizados os meios de exercerem novas ocupações e formas de subsistência que incentivassem a integração daquela parte da população ao sistema, eles e seus descendentes, na prática, se viram obrigados a aceitar viver em condições análogas de servidão e submissão. O próprio aprisionamento dos ex-escravizados nas lavouras, bem como a problemática relação desse grupo com a terra têm raízes na forma como se deu o processo de

abolição. Para alguns abolicionistas, como André Rebouças, o direito à terra era imprescindível para se alcançar a integração do negro à sociedade, conforme sinaliza o trecho abaixo:

[O abolicionista] André Rebouças pregava mudanças na legislação que permitissem aos ex-escravos acesso à terra. Era o que ele chamava de "democracia rural", uma espécie de reforma agrária que deveria promover a inclusão social dos ex-escravos. Para Rebouças a luta contra a escravidão não podia ser desligada da luta pela cidadania dos ex-escravos e dos seus descendentes (ALBUQUERQUE; FRAGA FILHO, 2006, p. 184).

Contudo, a sociedade, sendo heterogênea, nunca assume apenas uma visão sobre os fatos. Sob a perspectiva dos proprietários de terra, por exemplo, percebemos uma resistência à perda dos serviços que até então lhes eram prestados de forma gratuita. Não sendo possível impedir a abolição, passaram, então, a elaborar e a pôr em prática estratégias que mantivessem a lógica produtiva funcionando, o que dependia da permanência dos negros nos serviços:

Com a concessão de alforrias coletivas, os senhores buscavam preservar algum domínio sobre os ex-escravos. Eles esperavam que, presos pela dívida de gratidão, os libertos permanecessem nas propriedades. Os jornais deram grande publicidade a esses atos "humanitários" no apagar das luzes do escravismo. No município de Cachoeiro do Itapemirim, província do Espírito Santo, a partir de março de 1888, os senhores passaram a encurtar o prazo das alforrias condicionais, assim como fazer algumas concessões para que os escravos permanecessem em suas fazendas (ALBUQUERQUE; FRAGA FILHO, 2006, p. 193).

As considerações da historiografia nos são caras sobretudo por oferecerem um parâmetro acerca das possíveis origens do desejo dos senhores em manter as condições de servidão para continuar usufruindo dos benefícios que estas lhes rendiam. É justamente por essa lógica se estender, com variações, ao longo dos séculos e estar tão marcante na vida das personagens de *Torto arado* que nos interessam as informações históricas: elas nos dão um direcionamento a respeito de como pode ter sido incutida a sensação de gratidão naqueles que eram os mais prejudicados e de como essa sensação, na verdade,

acabou se tornando um mecanismo dificultador da tomada de consciência e da organização de possíveis mobilizações.

Dessa forma, os apontamentos historiográficos podem auxiliar no entendimento, por exemplo, da postura compassiva de Zeca Chapéu Grande, para quem o pouco a que tinha direito na fazenda já lhe era suficiente, somente por não serem condições iguais às vividas por seus antepassados. Esse pensamento fica evidente no episódio em que Zeca foi convencer Servó, irmão de Salu, a se mudar para Água Negra e trabalhar lá:

Dinheiro não tinha, mas tinha comida no prato. Poderia ficar naquelas paragens, sossegado, sem ser importunado, bastava obedecer às ordens que lhe eram dadas. Vi meu pai dizer para meu tio que no tempo de seus avós era pior, não podia ter roça, não havia casa, todos se amontoavam no mesmo espaço, no mesmo barracão (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 41).

Os argumentos apresentados por Zeca, visando ao convencimento de Servó, revelam uma atitude aparentemente conformada diante da tradição exploradora que foi a herança passada de geração para geração. A gratidão pelas poucas melhorias e o contentamento com elas parecem fazê-lo não reconhecer, por exemplo, que continua, como seus antepassados, em situação de servidão, trabalhando em troca de comida.

Embora se verifique, ao longo da primeira parte do romance, um posicionamento resignado de Zeca ante as condições de vida a que ele estava submetido, podemos identificar ações da personagem que assumem um movimento contrário ao estado de aparente conformismo. É o caso, por exemplo, da cobrança feita por ele ao prefeito no que se refere à construção de uma escola em Água Negra. Esse evento, todavia, parece revelar antes uma noção de senso comum sobre a importância do saber escolarizado do que um posicionamento resultante do conhecimento e da reflexão acerca de injustiças históricas que precisavam ser reparadas, já que as demais ações da personagem ao longo da narrativa não sinalizam a existência dessa postura crítica.

Essa consciência incipiente – que, por não se embasar no conhecimento da estrutura de

espoliação, não incita a mudança no *status* de subordinado – aparece também em momentos de revolta, ainda que sufocada, dos subalternos explorados. É o que acontece, por exemplo, no episódio narrado por Bibiana em que ela e Belonisia escutam a conversa das filhas das personagens Carmeniuzza e Tonha a respeito dos patrões e de como estes se viam no direito de obter para si parte da produção dos empregados:

Queriam saber se eles haviam chegado por aqui, se tinham levado as batatas do nosso quintal também. "Mas as batatas do nosso quintal não são deles", alguém dizia, "eles plantam arroz e cana. Levam batatas, levam feijão e abóbora. Até folhas pra chá levam. E se as batatas colhidas estiverem pequenas fazem a gente cavoucar a terra para levar as maiores" – disse Santa, arregalando os olhos para mostrar sua revolta. "Que usura! Eles já ficam com o dinheiro da colheita do arroz e da cana." Poderiam muito bem comprar batata e feijão no armazém ou na feira da cidade. Nós é que não conseguimos comprar nada, a não ser quando vendíamos a massa do buriti e o azeite de dendê, escapulindo dos limites da fazenda sem chamar a atenção. "Mas a terra é deles. A gente que não dê que nos mandam embora. Cospem e mandam a gente sumir antes de secar o cuspo" – alguém disse, num sentimento de deboche e indignação (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 45).

Em conformidade com esse excerto, pode-se falar em uma percepção das personagens acerca da situação injusta a que estavam submetidas, tendo de ceder parte de sua produção aos senhores e de se esconder para desempenhar uma atividade de complemento de renda, sob risco de sofrerem repressão. Esse comportamento, marcado pela desobediência às regras, cujo cumprimento condicionava a permanência na fazenda, difere do de Zeca, que era considerado um funcionário exemplar por executar com presteza as ordens impostas aos trabalhadores pelos donos da terra. É válido salientar, contudo, que, tanto no caso de Zeca quanto no das outras duas personagens, a obediência se dava não por puro conformismo, mas como condição de subsistência, tal qual afirma o próprio texto literário: "Muitos nunca estiveram conformados com os interditos, mas durante muito tempo foi necessário permanecer quieto e submisso para garantir a sobrevivência" (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 212).

Desse modo, é importante destacar o fato de essa mudança de comportamento partir justamente das filhas de Carмениuza e Tonha – isto é, da geração posterior à dos primeiros trabalhadores chegados a Água Negra –, antecipando as ações de enfrentamento que se darão com o retorno de Bibiana e de Severo para Água Negra, desencadeadoras de um embate entre a tradição e a renovação.

2.2 Voz e ação

O alcance de consciência que começa a ser ensaiado em “Fio de corte” toma corpo, com maior destaque, na segunda e na terceira partes do livro. Nelas, são narrados episódios que vão da juventude à maturidade das irmãs. O leitor conhece esses fragmentos da história pelos pontos de vista de Belonisia e de Santa Rita Pescadeira.

Ao expor suas recordações, em “Torto arado”, Belonisia acaba por refletir marcas particulares de sua personalidade, como a afinidade com a terra. Ela compreende a vida e a explica para si mesma a partir de sua relação com a natureza. É possível perceber ainda, por meio de seu discurso, indícios de uma consciência madura, que enxerga os fatos lembrados e os reconta sem a inocência que havia na infância ou na juventude. Assim, ela percebe que a irreversibilidade de sua mudez não é uma consequência apenas de ela ter perdido a língua no acidente, mas das poucas condições para realizar um tratamento adequado, conforme demonstra o fragmento abaixo:

Me lembro de ter ouvido os médicos falarem que teria dificuldade para falar e me alimentar. Que teria que voltar sempre à cidade para ser acompanhada, fazer exercícios de fala. Mas não seria possível, não havia como deixar Água Negra, morávamos distante, não haveria maneira de nos deslocarmos por tantas léguas com tanta frequência. No hospital da cidade mais próxima não havia médico que soubesse fazer o tratamento. Por isso me calei (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 126-127).

A perda da voz de Belonisia aparece no romance como a materialização do silenciamento de um todo, maior que ela. A ausência do poder de fala dos subalternos da fazenda – e, por que não dizer, de contextos outros que extrapolam as cercas de Água Negra – está materializada na

sua mudez. Embora paradoxal, ao mesmo tempo que o silêncio do povo negro, imposto durante séculos de exploração e subordinação, aparece representado no romance como consequência da deficiência da personagem, é na concessão de voz narrativa para que ela relate suas experiências e impressões sobre o mundo que ele é rompido. Emudecida fisicamente, Belonisia teve de encontrar novas formas de se expressar:

Era um tipo de tortura que me impunha de forma consciente [...]. Como se o arado velho e retorcido percorresse minhas entranhas lacerando minha carne. Se esvaia toda a coragem de que tentei me investir para viver naquela terra hostil de sol perene e chuva eventual, de maus tratos, onde gente morria sem assistência, onde vivíamos como gado, trabalhando sem ter nada em troca [...]. Mas eu persistia e repetia as palavras mais duras, as que não gostamos de ouvir, para mim mesma, [...] Não me furtava a dizer o que faria muitos correrem, temendo a virulência de uma língua. Eram palavras repetidas por minha voz deformada, estranha, carregada de rancor por muitas coisas, e que só fez crescer ao longo dos anos. [...] [As palavras] eram gritadas por minhas ancestrais, por Donana, por minha mãe, pelas avós que não conheci, e que chegavam a mim para que as repetisse com o horror de meus sons, e assim ganhassem os contornos tristes e inesquecíveis que me manteriam viva (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 127-128).

Surge dentro dela, então, uma voz cortante como o arado que foi carregado pelos seus antepassados. Ainda que a ferisse, ela acreditava ser necessário repetir as palavras mais duras, independentemente do temor que pudessem causar. É uma voz carregada de rancor, com palavras que não eram apenas faladas, mas gritadas por aquelas que vieram antes dela. “Arado” foi a que escolheu pronunciar e não conseguiu, mas calar não parecia ser uma opção.

Reconhecida por sua valentia e sua coragem, a narradora, que nunca se interessou por “histórias fantasiosas e enfadonhas sobre os heróis bandeirantes, depois os militares, as heranças dos portugueses e outros assuntos” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 197), narra agora a sua própria história e a de seu povo, antes contada por quem dela não fazia parte. Ela parece lamentar, inclusive, não ter percebido antes a importância dessas narrativas; do contrário, teria se empenhado mais no registro, como evidencia o trecho abaixo transcrito:

Se soubesse que tudo que se passa em meus pensamentos, essa procissão de lembranças enquanto meu cabelo vai se tornando branco, serviria de coisa valiosa para quem quer que fosse, teria me empenhado em escrever da melhor forma que pudesse. Teria comprado cadernos com o dinheiro das coisas que vendia na feira, e os teria enchido das palavras que não me saem da cabeça. Teria deixado a curiosidade que tive ao ver a faca com cabo de marfim se transformar na curiosidade pelo que poderia me tornar, porque de minha boca poderiam sair muitas histórias que serviriam de motivação para nosso povo, para nossas crianças, para que mudassem suas vidas de servidão aos donos da terra, aos donos das casas na cidade (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 170).

A protagonista reconhece que o poder de se assumir como autora da própria história, determinando e escolhendo a forma como ela é contada, poderia influenciar positivamente a percepção daqueles que estivessem ocupando uma mesma posição de subalternidade. Ciente das condições de servidão e do modo como a elas estavam subordinados, os sujeitos poderiam intervir e modificar uma estrutura de exploração que atravessa os séculos. Com esse discernimento a respeito da relevância em os sujeitos conhecerem e tecerem suas próprias narrativas, Belonisia apresenta momentos em que ela e demais personagens do romance adquirem certo domínio sobre suas trajetórias, aquilo a que resolvemos chamar tomada de consciência.

A volta de Bibiana e Severo para a fazenda – a princípio, para uma visita e, depois, em definitivo – aparece como um fator decisivo para o início desse processo. Na cidade, o casal teve acesso a um conhecimento que não adentrava as cercas de Água Negra: ela, por meio da educação formal que buscou para se tornar professora; ele, a partir da participação em discussões de sindicatos. Com o retorno para junto da família, compartilharam com os parentes o conhecimento que haviam adquirido. Belonisia, que nutria admiração pelo primo Severo, almejava

escutar cada vez mais as histórias que traziam de suas passagens por outros lugares. **Queria ouvir de Severo as explicações para o que vivíamos em Água Negra.** Eram histórias que se comunicavam com meus rancores, com a voz deformada que me afligia e por vezes me despedaçava, com todo o sofrimento que nos

unia nos lugares mais distantes. Que juntos, talvez, pudessemos romper com o destino que nos haviam designado (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 132-133, grifo nosso).

Foi por experimentar vivências de outras realidades, onde também existia exploração, que Bibiana e Severo puderam desmistificar os discursos que conferiam naturalidade àquele sistema de produção tão familiar e injusto. Se antes compartilhavam com os demais a condição de subalternos, cativos, agora todos poderiam se reconhecer na palavra que desvendava o olhar sobre a própria história, a qual tinha raízes profundas e havia começado muito antes da experiência em Água Negra, conforme demonstra a seguinte passagem da fala de Belonisia:

O medo atravessou o tempo e fez parte de nossa história desde sempre.

Era o medo de quem foi arrancado do seu chão. Medo de não resistir à travessia por mar e terra. Medo dos castigos, dos trabalhos, do sol escaldante, dos espíritos daquela gente. Medo de andar, medo de desagradar, medo de existir. Medo de que não gostassem de você, do que fazia, que não gostassem do seu cheiro, do seu cabelo, de sua cor. Que não gostassem de seus filhos, das cantigas, da nossa irmandade. Aonde quer que fôssemos, encontrávamos um parente, nunca estávamos sós. Quando não éramos parentes, nos fazíamos parentes. Foi a nossa valência poder se adaptar, poder construir essa irmandade, mesmo sendo alvos da vigilância dos que queriam nos enfraquecer. Por isso espalhavam o medo. **Eu fui apanhando cada palavra da fala de Severo, das muitas vezes que o vi contar, para guardar em meu pensamento** (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 178-179, grifo nosso).

A partir dessa consciência acerca da trajetória dos negros, Belonisia parece reconhecer, por meio de seu discurso, uma capacidade de resistência de seu povo, que se estende desde o momento do desterro. O medo, como um elemento de reação à opressão que sempre sofreram, é também o que os obriga a se adaptar e resistir. O interesse por saber como tudo aconteceu, por sua vez, é uma ferramenta que pode lhes apresentar possibilidades de mudança.

O fascínio que o conteúdo das falas de Severo despertou em Belonisia, marcado nos dois últimos excertos apresentados, estendeu-se, posteriormente, a outros integrantes da família

e, de maneira mais ampla, a uma parcela de trabalhadores da fazenda. A partir desse momento, percebe-se um choque entre a forma de ver o mundo que foi conduzida até então pelos primeiros trabalhadores, como Zeca Chapéu Grande, e a nova perspectiva que começava a surgir com a geração posterior a eles, da qual fazem parte Bibiana, Severo, Belonísia e, também, Zezé, filho de Zeca e, portanto, irmão das protagonistas.

Enquanto os primeiros priorizavam uma boa relação com os senhores, em parte motivados pelos sentimentos de gratidão e medo, os mais jovens já não enxergavam dessa forma e acreditavam ter direito àquele terreno não exatamente por terem seus nomes na escritura, mas por serem eles quem de fato trabalhava naquela terra. Belonísia conta que Zezé chegou a questionar o pai sobre quem eram de fato os donos daquela propriedade e obteve como retorno os argumentos de quem não se reconhecia como alguém que tinha direito a ela. O episódio em que Zezé se vê inconformado diante da situação, narrado por Belonísia, ilustra com êxito o embate de ideias que se forma entre a tradição e a renovação, conforme se constata na passagem a seguir:

"Não podemos mais viver assim. Temos direito à terra. Somos quilombolas." Era um desejo de liberdade que crescia e ocupava quase tudo o que fazíamos. Com o passar dos anos esse desejo começou a colocar em oposição pais e filhos numa mesma casa. [...] Zezé queria dizer ao nosso pai que não nos interessava apenas a morada. Que não havia ingratidão. "Eles que não nos foram gratos, corre boato que querem vender a fazenda sem se preocupar com a gente", dizia para mim e Domingas. "Queremos ser donos de nosso próprio trabalho, queremos decidir sobre o que plantar e colher além de nossos quintais. Queremos cuidar da terra onde nascemos, da terra que cresceu com o trabalho de nossas famílias", completou Severo, numa roda de prosa debaixo da jaqueira na beira da estrada (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 187).

As falas de Zezé, dentro do discurso de Belonísia, esclarecem que o sentimento de posse sobre a terra deixa de ser, então, uma mera questão legal, como foi até então. Esse pensamento é assimilado pela geração mais jovem, que, embora, por respeito, procurasse evitar o conflito com os mais velhos, continuava a defender as ideias que deveriam trazer as mudanças necessárias

a Água Negra. Assim, a estima nutrida por Zeca, por exemplo, cuja presença parece materializar a tradição que ainda vigorava, surgia como um impasse, adiando o conflito. Contudo, com a morte da personagem e o fim da matéria de seu corpo – associável ao fim da estrutura da casa de barro onde por tantos anos morou e exerceu suas funções de líder religioso – se encerra um ciclo de tradição que dará lugar a outro movimento. Essa percepção, descrita por Belonísia, é transmitida ao leitor pelo fragmento abaixo:

A parede de terra, do barro que era o chão de Água Negra, voltou a ser terra de novo. Nasceram ervas e flores minúsculas em meio à umidade que surgia com o orvalho e com a chuva que caía quando era da vontade dos santos. Fiquei atenta a tudo o que acontecia, sabia que nada retornaria. Olhei com certo encantamento o tempo caminhando, indomável como um cavalo bravio (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 195).

Era o tempo que seguia e, se levava para longe aquilo que não retornaria, fazia surgir o novo como as ervas e flores minúsculas que nasciam. O fim da tradição representada por Zeca dá abertura à renovação, e é após sua morte que os filhos de sua geração obtêm a licença de que precisavam para pôr em prática o que vinha se desenhando em discurso.

A partir desse momento, Severo assume a liderança que antes era exercida por Zeca Chapéu Grande, mas não sob a mesma perspectiva: se Zeca atuava na mitigação de conflitos, seu sobrinho, por outro lado, não se poupava em provocá-los se fossem necessários. Assim, um movimento de ação, que já havia tido início com as rodas de conversa e a conscientização que a partir do diálogo ia surgindo, começou a aparecer com maior efetividade quando Severo seguiu viagens a proferir discursos, quando ele, com Bibiana, colheu assinaturas para a criação de uma associação de trabalhadores e quando organizou, com o auxílio de demais moradores, as reuniões – realizadas clandestinamente em virtude de possíveis represálias que viessem a acontecer – para tratar dos assuntos relativos à vida na fazenda. Com isso, se tornou um desafeto dos que eram reconhecidos legalmente como donos daquela propriedade.

Contudo, há, no final de "Torto arado", uma tentativa de silenciamento dessas ações a partir do assassinato de Severo. O crime causa revolta e tem seus desdobramentos apresentados na parte que se segue, "Rio de sangue", narrada pela "encantada" Santa Rita Pescadeira. Incorporada, essa personagem surge como uma voz ancestral que recupera a história de exploração a que seu povo foi submetido.

O assassinato de Severo desperta nela um sentimento de tristeza, que desencadeia a lembrança de uma série de acontecimentos marcados por iguais crueldade e injustiça, como se vê no trecho abaixo:

Fui tomada por uma profunda tristeza ao ver aquelas duas vidas [de Bibiana e de Severo], desamparadas diante do que lhes haviam feito. Vi tanta crueldade ao longo do tempo, e mesmo calejada me comovo ao ver os homens derramando sangue para destruir sonhos. Vi senhores enforcarem seus escravos como castigo. Cortarem suas mãos no garimpo por roubar um diamante. Acudi uma mulher que incendiou seu próprio corpo por não querer ser mais cativa de seu senhor. Mulheres que retiravam seus filhos ainda no ventre para que não nascessem escravos. Que davam a liberdade aos que seriam cativos, e muitas delas morreram também por isso. Mulheres que enlouqueceram porque as separaram dos filhos que seriam vendidos. Vi um senhor cruel deitar com mulheres negras e abandonar seus corpos castigados à morte, como se quisesse expurgar o mal que o fazia cair. Outro fez do corpo de seu escravo um reparo para o barco imprestável em que navegava. Entrava água na embarcação. O barco chegou ao seu destino com o homem afogado. Vi homens e mulheres venderem seus pedaços de terra por uma saca de feijão ou uma arroba de carne, porque não suportavam mais a fome da seca (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 206-207).

O tom melancólico que se verifica nesse fragmento, comunicante de ações marcadas pela dor, é característico do discurso memorialístico da personagem, o qual se alterna com a narração da ação presente da trama, quando Bibiana, inflama pelo crime cometido contra seu marido e contra seu povo, convoca os moradores da fazenda e busca conscientizá-los da condição cativa que persiste como modo de vida do povo negro:

Quando deram a liberdade aos negros, nosso abandono continuou. O povo vagou de terra em terra pedindo abrigo, passando fome, se

sujeitando a trabalhar por nada. Se sujeitando a trabalhar por morada. A mesma escravidão de antes fantasiada de liberdade. Mas que liberdade? Não podíamos construir casa de alvenaria, não podíamos botar a roça que queríamos. Levavam o que podiam do nosso trabalho (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 220).

A consciência da falsa liberdade referida por Bibiana, que recupera os ensinamentos de Severo, assim como a necessidade de se lutar pela consolidação desse e de outros direitos, é apontada por Santa Rita Pescadeira como causa para a morte daquele: "Severo morreu porque pelejava pela terra de seu povo. Lutava pelo livramento da gente que passou a vida cativa. Queria apenas que reconhecessem o direito das famílias que estavam há muito tempo naquele lugar [...]" (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 207). Nesse sentido, a morte de Severo se inscreve de modo simbólico no campo das relações de dominação: as balas disparadas não objetivavam matar um indivíduo, mas sim uma ideia.

Essa tentativa de silenciamento se processa, embora de forma menos violenta, no próprio momento do discurso proferido por Bibiana, quando Salomão, o proprietário da fazenda, mesmo afastado, impõe sua presença no que parece ser uma tentativa de intimidação. Ciente dos direitos de seu povo, Bibiana não se acovarda e afirma a necessidade da luta, agora frente a frente com o opositor:

Mas não vamos desistir. Essa semente que Severo plantou por nossa liberdade e por nossos direitos não irá morrer. Foi um que se foi. Meu companheiro e pai de meus filhos. Mas somos muitos ainda nesta fazenda. Foi embora um fruto, mas a árvore ficou. E suas raízes são muito fundas para tentarem arrancar (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 221).

Desse modo, vemos representada no romance uma postura de enfrentamento que se opõe de forma clara à submissão comumente vivenciada pela geração anterior à das protagonistas. A tentativa de silenciamento, por meio da qual se vislumbra a manutenção de um sistema de espoliação sustentado pelas relações assimétricas de poder, não obtém sucesso, uma vez que retroceder não é uma opção para a personagem, dada a irreversibilidade da sua tomada de cons-

ciência. Assim, o discurso de Bibiana acaba por estimular ações de outros trabalhadores, que, encorajados por suas palavras, passam a construir casas de alvenaria, abandonando uma tradição de obediência e assumindo a si mesmos como sujeitos que detinham direito sobre aquela terra.

Como desdobramento desse processo em que se passa a reconhecer a condição de subalternidade, os trabalhadores de Água Negra alcançam uma visibilidade antes não experimentada. Em um processo de reintegração de posse, solicitado pelo proprietário da fazenda em reação à construção das casas de alvenaria, conseguem se fazer ouvir pelos funcionários de órgãos públicos que se dirigiram à fazenda para resolver o conflito referente à posse da terra. Embora não se apresente uma solução definitiva para o problema, que fica em aberto no romance, o próprio fato de conseguirem se pronunciar diante daquela questão e serem ouvidos por representantes do poder público aparece como vitória de um povo obrigado a conviver com o silêncio por séculos.

Considerações finais

Durante séculos, a representação literária do negro na literatura nacional reforçou uma visão estereotipada de suas vivências, perpassando, sobretudo, os âmbitos social e cultural. Foi principalmente nas últimas décadas do século passado que esse cenário começou a se modificar, uma vez que, nesse período, se intensificou a produção de uma literatura engajada que, ao representar o povo negro, preocupou-se em dar visibilidade a suas causas e espaço para sua voz.

Nesse contexto, *Torto arado* desponta como uma alternativa que aborda as relações raciais de maneira bem sucedida, sobretudo por não eleger representações minimizadas ou negativas como recursos motivadores de aproximação e identificação do leitor com a obra. Por meio de uma estratégia que se opõe a essa, o negro aparece no romance estudado em uma posição de protagonismo, sendo responsável por contar a sua própria história. Se, por um lado, na trajetória do negro na literatura brasileira predomina a presença de personagens desqualificadas, mar-

cadas pela animalização, pela hipersexualização e pela tendência à violência, na obra de Itamar Vieira Junior, por outro, elas surgem como figuras humanizadas, associadas a características como coragem, valentia e sabedoria.

Por meio das ações das personagens, identificamos, na narrativa analisada, uma mudança de atitude associada à consciência de subalternidade: em um primeiro momento, as ações narradas evidenciam a predominância de um comportamento submisso; em um segundo, as ações sinalizam personagens conscientes da própria condição, que passaram a se comportar como agentes de mudança de suas realidades. No romance, esse movimento representa uma busca pela conquista do espaço de fala negado ao povo negro ao longo de séculos e, mesmo não resultando em uma solução dos problemas estruturais que afetam as personagens, revela o reconhecimento dos sujeitos sobre a necessidade de criar mecanismos que viabilizem a transformação do contexto no qual estão inseridos.

É relevante, por fim, pontuar que este estudo não tem a pretensão de esgotar as possibilidades analíticas da problemática da subalternidade em *Torto arado*, a qual pode ser associada a outros aspectos de profunda relevância na narrativa, como o de gênero. Por ter sido lançado recentemente, o romance ainda não possui uma fortuna crítica expressiva, de modo que este trabalho desponta como uma contribuição inicial para a elucidação de algumas das questões, de diversas ordens, suscitadas pela obra.

Referências

ALBUQUERQUE, Wlamyra Ribeiro de; FRAGA FILHO, Walter. *Uma história do negro no Brasil*. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

DALCASTAGNÉ, Regina. Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, Brasília, v. 31, p. 87-110, 2008. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/9620>. Acesso em: 20 ago. 2020.

PROENÇA FILHO, Domicio. A trajetória do negro na literatura brasileira. *Estudos Avançados* – Revista do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, São Paulo, v. 18, n. 50, p. 161-193, jan./abr. 2004.

SPIVAK, Gayatri. *Pode o subalterno falar?* 1. ed. Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. *Torto arado*. São Paulo: Todavia, 2019.

Ana Emília de Lima Ferreira

Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), em Natal, RN, Brasil.

Thallys Eduardo Nunes de Araújo Oliveira

Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), em Natal, RN, Brasil; doutorando em Estudos da Linguagem pela mesma instituição.

Endereço para correspondência/

Ana Emília de Lima Ferreira/ Thallys Eduardo Nunes de Araújo Oliveira

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Av. Senador Salgado Filho, s/n

Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA), sala 311

Lagoa Nova, 59078-970

Natal, RN, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.